

Rosalice Pinto
rosapinto1@netcabo.pt

A heterogeneidade constitutiva e o *ethos* no editorial português

RESUMO – O objetivo deste trabalho é apresentar alguns resultados da análise de editoriais de dois jornais portugueses: *Público* e *Diário de Notícias*, a partir de conceitos de tipos de discurso e gênero (Bronckart, 1997), *ethos* dito e cenografia (Maingueneau, 1999). Considerando o editorial um gênero de predominância organizacional argumentativa e funcional persuasiva, a análise procura observar, a partir do levantamento de formas lingüísticas e/ou procedimentos lingüístico-textuais relevantes, a correlação entre os diversos tipos de discurso mencionados por Bronckart e a construção de vários *ethè*. Os resultados das análises preliminares apontaram uma heterogeneidade do *ethos* nos editoriais dos dois jornais.

Palavras-chave: *ethos*, interacionismo socio-discursivo, cenografia, argumentação, retórica, gênero, tipos de discurso.

ABSTRACT – This article aims at presenting the analytical results regarding editorials of two dominant Portuguese newspapers: *Público* and *Diário de Notícias*, having in mind some concepts such as types of discourse and genders (Bronckart, 1997), *ethos* and discursive “scenography”, developed by Maingueneau (1999). Defending the idea that an editorial is a gender composed of an argumentative organization and a persuasive function, the referred analysis tries to observe, through linguistic expressions and/or textual linguistic procedures, the relationship between the types of discourse presented by Bronckart and the construction of multiple *ethè*. The study provides some evidence of the *ethos* heterogeneity in the analyzed editorials of both newspapers.

Key words: *ethos*, socio-discursive interactionism, scenography, argumentation, rhetoric, gender, types of discourse.

Introdução

Este trabalho visa a estudar os diversos tipos de discurso (Bronckart, 1997) que podem ocorrer dentro do editorial jornalístico português e observar a correlação entre os mundos discursivos criados e os *ethè* construídos (Maingueneau, 1999; Amossy, 1999; Adam, 1999).

Preende-se recuperar o pressuposto teórico de Bronckart acerca dos quatro mundos discursivos, com os seus respectivos arquétipos e identificá-los em editoriais dos jornais portugueses *Público* e *Diário de Notícias*, a partir do levantamento de formas lingüísticas e/ou procedimentos lingüístico-textuais mais relevantes. Tal estudo tenta estabelecer uma espécie de correspondência entre os tipos de discurso e os *ethè* observados.

A motivação central desta nossa comunicação advém do Doutorado que vimos desenvolvendo na

área de Teoria do Texto, na Universidade Nova de Lisboa, que visa ¹ a estudar gêneros que, estando associados a diferentes formações discursivas e recorrendo a veículos diferentes, pressupõem uma organização discursiva predominantemente argumentativa: editorial, cartoon, outdoor e petição inicial.

Partindo do princípio de que os gêneros em estudo são de predominância organizacional argumentativa e funcional persuasiva, pareceu-nos interessante aprofundar uma certa reflexão acerca da implicação entre a construção do *ethos*, enquanto “imagem” discursiva, e os diversos tipos de discurso apontados por Bronckart, em um dos gêneros com o qual trabalhamos – o editorial –. Deste modo, explicitar estas implicações poderia constituir uma das vias de acesso para se estabelecer uma correlação entre os mecanismos argumentativos enunciativos presentes nos diferentes gêneros.

¹ É importante ressaltar que a norma que adotamos neste trabalho é a do português do Brasil.

Pressupostos teóricos

Os pressupostos teóricos que nos orientaram na construção das análises são oriundos de modelos teóricos diferentes mas, no nosso entender, complementares. A adoção de conceitos provenientes de diversas teorias pode ser justificada pelo fato de trabalharmos, na nossa tese de Doutorado, com gêneros bem diversos, alguns inclusive plurisemióticos – como o *cartoon* e o *outdoor*. Sendo assim, procuramos adotar métodos de análise que pudessem atender à descrição da regularidade dos gêneros em análise.

Assim, alguns conceitos foram considerados, os quais, convém detalharmos. De um lado, como trabalhamos com o editorial jornalístico enquanto *gênero*², é importante definirmos esta noção. Para a análise dos documentos em anexo, considerá-lo-emos como prática socio-comunicativa que congrega diferentes espécies de textos com características relativamente estáveis, dentro de um determinado contexto, numa determinada cultura, numa determinada época e que fica disponível no *arquitexto*³ como espécie de modelo a ser ‘usado’ por várias gerações. É importante salientar que o gênero apresenta dois princípios: um de adoção e outro de adaptação, como afirma Bronckart (2002, p. 19). Ainda, de forma a clarificar a noção Adam (2002a, p. 40) pontua oito componentes para o gênero⁴, dentre elas, a *componente enunciativa* que define como o grau de tomada de posição dos enunciados, identidade e implicação dos co-enunciadores, a saber: do *ethos* e do *pathos*. Sendo que as estas duas entidades representam ‘imagens’ ‘mostradas ou ditas’⁵ – transpostas para o ní-

vel textual – do produtor de um lado e do receptor do outro. Maingueneau (1999, 2002), inclusive menciona que a estas imagens estão relacionadas várias cenografias, levando-se em conta que o discurso contrói textualmente uma certa representação da sua situação de enunciação, instaurando um certo perfil de interlocução discursiva – implicando papéis determinados, bem como espaços e momentos específicos. Além disso, este último teórico menciona a existência em muitos textos do que ele denomina *ethos composite* em que vários *ethè* são observados.

De outro lado, buscamos, do ponto de vista do Interacionismo Socio-Discursivo, alguns conceitos que nos parecia interessantes para a análise deste *ethos composite*. Bronckart (1997), ao considerar que os gêneros não apresentam uma classificação estável, propõe a existência de segmentos por ele denominados *discursos* que apresentam uma forte regularidade lingüística, podendo assim ser tipificados. Desta forma, adotará a expressão *tipos de discurso* - são eles: *discurso interativo*, *discurso teórico*, *narrativa interativa e narração* - para caracterizar esta “*mise en forme discursive*”⁶, que representará uma materialização lingüística dos “mundos virtuais” ou discursivos, contrapondo-se ao mundo ordinário⁷. Estes quatro mundos discursivos podem ser conjugados sob dois pontos de vista diversos: um relativo a operações psicológicas que lhes são subjacentes, as quais são independentes das características particulares de cada língua, são os *arquétipos psicológicos*, entendidos como entidades abstratas; outro relacionado a *tipos lingüísticos* (correspondendo a *tipos de discurso*) que apresentam uma estabilidade

² Não discutimos aqui os aspectos particulares da definição de gênero por vários autores (Maingueneau, 2004; Adam, 2002; Rastier, 2002).

³ Bronckart (1997) menciona “*intertexte*” no lugar de “*architexte*”. Em publicação de 2002, o autor justifica a troca terminológica para evitar confusões conceituais. O termo “*intertexto*” fica reservado aos diversos processos de interação entre textos (citações, pastiches, etc.). A noção de “*arquitexto*”, advinda de Genette (1979), passa a se restringir a uma organização de textos já existentes.

⁴ Adam (2002, p. 40) enumera oito componentes do gênero: uma componente semântica (relativa à vericondicionalidade e ficcionalidade de um lado e das bases temáticas de outro lado); uma componente pragmática (finalidades e intenções comunicativas); uma componente estilística e fraseológica (planos de texto, seqüência, e também relação entre texto e imagem em algumas formas textuais plurisemióticas); uma componente material (suporte, comprimento, paginação, diagramação); uma componente peritextual (fronteiras do texto); uma componente metatextual (de um lado corresponde ao que circula sobre o gênero dentro de determinada formação socio-discursiva e de outro, as teorias acerca do gênero desenvolvidas); a componente enunciativa acima mencionada. Maingueneau (1996) apresenta cinco limitações para o gênero: o ‘status’ dos enunciadores e co-enunciadores; as circunstâncias temporais e locais da enunciação; o suporte e os modos de divulgação; os temas; o comprimento e o modo de organização.

⁵ Maingueneau (1999) estabelece esta diferenciação para o *ethos*. Extendemo-la também ao *pathos*. Para o autor o *ethos* dito correspondente àquele que é construído verbalmente e o *ethos* mostrado àquele que é mostrado textualmente - o qual não estuda. O autor contrapõe a estes o *ethos* pré-discursivo que corresponde àquele que circula “socialmente”.

⁶ Cf. Bronckart (1997, p. 78).

⁷ A expressão *mundo ordinário* de Bronckart (1997, p. 153) procura dar conta dos três mundos postulados por Habermas (1987). São eles: mundo objetivo, social e subjetivo.

verificada a partir da recorrência de algumas unidades lingüística. Ao considerar que a nossa análise é centrada, principalmente, nos componentes lingüísticos que caracterizam os tipos de discurso e por hipótese também os diversos *ethè*, concentramos-nos apenas nesta “*mise en forme discursive*”.

De forma esquemática podemos afirmar que toda atividade de linguagem baseia-se necessariamente na criação de mundos virtuais. Estes, embora “outros” em relação aos sistemas de coordenadas representados nos quais as ações de agentes humanos

são desenvolvidas, devem mostrar algum tipo de relação com esses mundos da atividade humana. Assim, os mundos discursivos se constroem baseados em dois subconjuntos de operações: *de disjunção* e *de conjunção*. Além disso, as operações de explicitação da relação com os parâmetros da ação da linguagem em curso também podem ser descritas em termos de uma oposição binária: *relação de implicação* e *de autonomia*. No Quadro 1, apresentamos de forma esquemática os quatro arquétipos psicológicos e os tipos de discurso correspondentes:

Quadro 1. Arquétipos psicológicos e tipos de discursos.

		Coordenadas gerais dos mundos	
		Conjunção	Disjunção
		EXPOR	CONTAR
Relação com o ato de produção	Implicação	<i>Discurso interativo</i>	<i>Narrativa interativa</i>
	Autonomia	<i>Discurso teórico</i>	<i>Narração</i>

Embora tenhamos mencionado a interferência destes arquétipos psicológicos na construção destes mundos discursivos. Neste artigo, conforme já mencionamos, centramos-nos basicamente na correlação entre a materialização lingüística dos tipos de discursos e os *ethè*.

Escolha dos “documentos”

Os textos de opinião dentro da imprensa escrita⁸ constituem um reduto interessante para o estudo da diversidade enunciativa do *ethos*. Contudo, centramos-nos no estudo do gênero editorial, geralmente de predominância argumentativa, que se caracteriza por três aspectos: um autor responsável pela sua realização, a expressão de uma tomada de posição em relação a questões socio-políticas, a situação topográfica dentro de um espaço privilegiado no jornal. Na verdade, são estes os traços que são ensinados aos estudantes de jornalismo como aspectos básicos deste gênero.

Na verdade, dentre os cerca de 30 editoriais que compõem os nossos “*corpora*” - publicados entre 17/02/2002 e 17/03/2002 (período de um mês antes das Legislativas para a escolha do Primeiro Ministro em Portugal) - escolhemos dois que tivessem: a mes-

ma data de publicação (02.03.2002), o mesmo tema (O EURO 2004) e que fossem publicados em jornais de grande circulação e dirigidos a públicos-alvo similares (no caso *Público* e *Diário de Notícias* – *doravante DN*-).

Um pouco da situação política de Portugal

Antes de passarmos à análise propriamente dita, detalharemos um pouco o momento por que passava Portugal na altura em que os editoriais foram publicados. Acreditamos que, por se tratar de uma realidade diferente da brasileira, uma breve contextualização ajudaria no entendimento dos ‘documentos’ utilizados na análise.

Em dezembro de 2001, o então Primeiro Ministro português, Sr. António Guterres, pertencente ao partido socialista (PS) na sequência da derrocada no partido nas autárquicas (eleições para as câmaras municipais) pede demissão. Com isso, provocou eleições legislativas antecipadas para a escolha do partido que governaria o país a partir de março de 2002. Os dois partidos de maior influência eleitoral do país, o Partido Socialista (PS) e o Partido Social Democrata (PSD) concorreram com seus dois candidatos: Sr. Ferro Rodrigues e o Sr. Durão Barroso.

⁸ A respeito da imprensa escrita, ver *Pratiques*, 94, junho, 1997; *Semen*, 13, 2000-2 e *Semen*, 17, 2004. Em relação à imprensa portuguesa, ver Fonseca (2001) dentre outros estudos do autor e Carreira (2002).

É importante ressaltar que na data de publicação dos editoriais, estava havendo uma discussão acerca da construção de estádios para o EURO 2004. O PS tinha autorizado a construção de cerca de dez estádios em todo o país para a realização do evento, o Sr. Rui Rio que tinha vencido as autárquicas pelo PSD, no Porto, era contrário a esta construção. Do outro lado havia o Sr. Pinto da Costa, ainda atual presidente do Futebol Clube do Porto que sustentava a construção do estádio, pois este seria de propriedade do time que dirigia. Conclusão: a discussão foi instaurada. Uns contrários à construção, outros favoráveis. Importante é destacar o aspecto político que a questão levantou na época que antecedeu as Legislativas.

Assim, é neste espaço que o sujeito constrói determinado espaço discursivo, ocupando determinadas posições e a partir destas e da formação discursiva em que se situa, que os diversos sentidos serão construídos. Assim, “as palavras, expressões, proposições mudam de

sentido segundo posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que significa que elas tomam o sentido em referência a essas posições, isto é, em referência as posições ideológicas (...) nas quais essas posições se inserem” (Pêcheux *in* Brandão, 1994, p. 62).

Análise dos textos propriamente dita

Esta se comporá de duas partes. Primeiramente pontuaremos, de forma esquemática, as componentes materiais, peritextuais e metatextuais dos editoriais em questão – estas, embora externas à produção textual, propriamente dita, intervêm ao nível lingüístico. Por fim, trabalharemos com a componente enunciativa, e em especial com a noção de *ethos*, correlacionando-a com os tipos de discurso.

Componentes materiais/peritextuais⁹ / metatextuais do gênero

Quadro 2. Componentes materiais/peritextuais/metatextuais.

Jornal	Público	DN
Componente material	Suporte papel (p.4)	Suporte papel (p. 3)
Componentes paratextuais (sentido lato)	Editoria Espaço público (Cartoon, cartas ao leitor, informação sobre o Público)	Editoria Editorial (Editorial, Inquérito, Mundo)
Componentes paratextuais (sentido estrito) 1ª página	“Euro 2004 à deriva”	“Pinto da Costa manda parar obras nas Antas”
Componentes metatextuais	Livro de estilo do jornal	Existência provável de um conjunto de “regras” institucionais já que não foi encontrado um livro de estilo

Componente enunciativa

Como já afirmamos anteriormente, a componente enunciativa, de acordo com Adam (2002, p. 40) corresponde ao grau de tomada de posição dos enunciados, identidade e implicação dos co-enunciadores, a saber: do *ethos* e do *pathos*.

Embora nos concentremos no estudo do *ethos*, não podemos deixar de salientar que este ser discursivo é construído em função de várias variá-

veis a saber: representação¹⁰ esquematizada que o emissor tem do receptor da mensagem (considerando o dialogismo como elemento constitutivo); do próprio contexto de produção; do próprio objetivo do texto.

Passaremos, agora, a explicitar os vários tipos de discursos e os diversos *ethè* encontrados, nos editoriais dos dois jornais, destacando, em negrito, os aspectos lingüísticos que permitem esta classificação:

⁹ No intuito de estabilizar a noção, definida por vários autores - Genette (1987) e Adam (1997) - , não subdividimos o paratexto em peritexto ou epitexto. Consideramos como **paratexto em sentido estrito**, outros textos que circulam o texto em análise e **paratexto em sentido lato** aquilo que circula em torno do texto mas não faz parte do mesmo conjunto.

¹⁰ A noção de representação é utilizada por Vignaux (1991) e também por Grize (1981, 1983, 1990). A questão da esquematização é levantada pelo último teórico (Grize, 2004).

Discurso Interativo

Ao inventariar as marcas que identificariam este tipo de discurso, observamos uma grande incidência de verbos no imperativo (bem característicos dos editoriais em Portugal), uso da primeira pessoa do plural, remetendo a idéia de conjunto (NÓS = o ser discursivo e todo o povo português), presença de dêiticos espaciais ou temporais que remetem respectivamente ao espaço e ao tempo da interação ou ainda uso de conectores adversativos e modalidades aléticas. Desta forma, observamos que a partir desta materialização linguística três tipos de *ethè* se fazem presentes: um *ethos* opinativo (no primeiro caso), um *ethos* opinativo subjetivo (mais engajado no segundo caso), um *ethos* ponderado (no terceiro caso).

- *Vejamos exemplos de ethos opinativo:*

“Senhor engenheiro Guterres: calculo que lhe falte já a paciência para “ser prior numa freguesia como esta” mas as circunstâncias mas as circunstâncias recomendam que se empenhe numa única missão patriótica. **Convoque** o dr. Durão Barroso [...]. **Façam** o que se impõe: **ponham** ordem nos hostes, precisem o custo de uma desistência, em dinheiro e na imagem externa do país”. (DN)

“E “por favor” não **falem** mais de “desígnio nacional” é que envergonha o país ver a ambição do país reduzida a construção de dez estádios e respectivas “acessibilidades”: (Público)

- *Exemplos de ethos opinativo subjetivo:*

“E poupe-**nos** este triste folhetim, flagelador de uma auto-estima que tem andado pelas ruas da amargura”(DN)

“Afinal **vivemos** também **hoje** uma situação de emergência, só que nas contas públicas” (Público)

“**Desistamos** e pois, e já, do Euro 2004” (Público)

- *Exemplo de ethos ponderado (conector adversativo e modalidade alética)*

“**Parece** uma situação muito radical, **mas** já tivemos algo de parecido, e não há muitos anos”. (DN)

Relato interativo e discurso interativo

Observamos que nos textos em questão, estes aparecem frequentemente, de forma combinada. O primeiro é marcado linguisticamente nos textos em análise por organizadores temporais como veremos no exemplo a seguir; e o segundo pelo uso de verbos no presente (que é um dos tempos verbais definido

por Bronckart como importante na definição do caráter conjunto-implicado do mundo discursivo). Com isso, definimos o que nós denominamos *ethos* informativo desengajado.

- *ethos informativo desengajado*

“O presidente da Câmara do Porto confirmou **ontem** que o município “não **tem** dinheiro” para assumir os compromissos que cambiam à autarquia no projecto de construção do no Estádio das Antas” (DN)

Relato interativo e discurso teórico

Estes também aparecem também de forma combinada. O primeiro também marcado por organizadores espaciais e o segundo pelo uso do presente gnômico – que neste tipo de discurso tem um valor genérico, distinto do valor dêitico assumido no discurso interativo - . Desta forma, definimos um outro tipo de *ethos*, o qual denominamos *ethos informativo didático*.

- *ethos informativo didático*

“**No recente debate televisivo** entre Ferro Rodrigues e Durão Barroso, ambos passaram ao de leve, como quem **passa** sobre brasas, sobre uma questão geral do nosso futuro próximo...”. (Público)

Algumas conclusões provisórias

Tendo em vista algumas análises feitas, podemos já suscitar algumas hipóteses, que poderão ser verificadas em um *corpus* mais amplo:

- A representação textual do ‘editorialista’ é “multifacetada, visto que apresenta várias modulações de tom ou *ethè* pelos quais é responsável.

- A questão da ‘dessubjetivação’ para mascarar a posição deste sujeito enunciator editorialista é relativa. Embora um texto tenha poucas marcas de 1a pessoa, ele poderá apresentar indícios que atestem várias cenografias e vários *ethè*.

- Existe uma possível predominância, nos editoriais portugueses, de tipos de discurso que se caracterizam por uma implicação dos parâmetros da interação verbal, são eles o discurso interativo e o relato interativo.

- Os tipos de discurso, segundo Bronckart, atestam várias ‘imagens’ do editorialista e várias cenografias. Por conseguinte vários *ethè* são observados.

Como já mencionamos, estas são apenas hipóteses, contudo acreditamos que “*le mécanisme de textualisation et de prise en charge énonciative, nous paraissent évidents et importants. L’apprentissage, en lecture et en production, de la distribution des voix par exemple, est une occasion de prendre connaissance des diverses formes de*

position et d'engagement énonciatifs construits dans un groupe, de se situer par rapport à elles en les reformulant, et ce processus contribue sans aucun doute au développement de l'identité des personnes". (Bronckart, 2002, p. 13) Assim, a decifração do *ethos composite*, enquanto um dos mecanismos enunciativos, nos parece de extrema relevância.

Referências

- ADAM, J.-M. 1997. Unités rédactionnelles et genres discursifs: Cadre générale pour une approche de la presse écrite. *Pratiques*, 94:3-17.
- ADAM, J.-M. 1999. Images de soi et schématisation de l'orateur: Pétain et de Gaulle en juin 1940. In: R. AMOSSY (dir.), *Images de soi dans le discours – La construction de l'ethos*, Lausanne, Delachaux et Niestlé, p. 101-126.
- ADAM, J.-M. 2002. En finir avec les types de textes. In: M. BALLABRIGA (dir.), *Analyse des Discours Types et genres : communications et interprétation*, Toulouse, Editions Universitaires du Sud, p. 25-43.
- AMOSSY, R. 1999. L'ethos au carrefour des disciplines. In : R. AMOSSY (dir.), *Images de soi dans le discours – La construction de l'ethos*, Lausanne, Delachaux et Niestlé, p. 127-154.
- BRONCKART J.-P. 1997. *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionnisme socio-discursif*. Paris, Delachaux & Niestlé.
- BRONCKART J.-P. 2002. Les genres de textes et les types de discours comme formats des interactions Développementales. In: *Actas do SITAD*, Universidade Nova de Lisboa, em preparação.
- CARREIRA, M.H. de A. 2002. Modalidades lingüísticas do português e sua tradução em francês – alguns aspectos. In: M.H. de A. CARREIRA (dir.), *Semântica e Discurso* 13, Porto, Porto Editora, p. 190-201.
- COUTINHO, M.A. 2003. *Texto (s) e Competência Textual*. Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- FONSECA, J. 2001. Viva a Guiné Bissau: a construção do sentido e da força persuasiva do discurso. In: J. FONSECA (dir), *Língua e Discurso* 14, Porto, Porto Editora, p. 96-142.
- GENETTE, G. 1987. *Seuils*. Paris, Seuil.
- GRIZE, J.-B. 1981. L'argumentation : explication ou séduction. *L'argumentation*, Lyon, P.U.L., p. 29-40.
- GRIZE, J.-B. 1982. *De la logique à l'argumentation*. Genève; Paris, Droz.
- GRIZE, J.-B. 1990. *Logique et langage*. Paris, Ophrys.
- GRIZE, J.-B. 2004. Argumentation et logique naturelle. In: J.-M. ADAM; J.-B. GRIZE e M.A. BOUACHA (orgs), *Texte et discours : catégories pour l'analyse*, Dijon, Editions Universitaires de Dijon, p. 23-27.
- HABERMAS, J. 1987. *Théorie de l'agir communicationnel*. Paris, Fayard.
- MAINGUENEAU, D. 1996. *Les termes clé de l'analyse du discours*. Paris, Editions du Seuil.
- MAINGUENEAU, D. 1998. *Analyser les textes de communication*. Paris, Dunod.
- MAINGUENEAU, D. 1999. Ethos, scénographie, incorporation. In: R. AMOSSY (dir.), *Images de soi dans le discours – La construction de l'ethos*. Lausanne, Delachaux et Niestlé, p. 75-100.
- MAINGUENEAU, D. 2002. Retour sur une catégorie: Le genre. In: J.-M. ADAM; J.-B. GRIZE e M.A. BOUACHA (orgs), *Texte et discours: catégories pour l'analyse*, Dijon, Editions Universitaires de Dijon, p. 107-118.
- RASTIER, F. 2002. Poétique généralisée. In: J.-M. ADAM; J.-B. GRIZE e M.A. BOUACHA (orgs), *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Dijon, Editions Universitaires de Dijon, p. 265-288.
- VIGNAUX, G. 1991. *Les sciences cognitives – une introduction*. Paris, Editions La Découverte.

Recebido em jul/2004
Aceito em set/2004

Rosalice Pinto

Universidade Nova de Lisboa

Anexos¹¹Uma pequena sugestão, um pedido - *Público*- 02/03/2002

Quem não tem dinheiro não tem vícios. Desistamos pois, e já, do Euro 2004.
Daqui para diante vai ser só a piorar – e nós a pagar.

1. No recente debate televisivo entre Ferro Rodrigues e Durão Barroso, ambos passaram ao de leve, como quem passa sobre brasas, sobre uma questão central do nosso futuro próximo: o que fazer com a administração pública, com os seus funcionários e com o que eles custam ao país. Porque custam muito – cerca de 15 por cento do PIB, a maior percentagem da União Européia, a par com a Finlândia – e porque o nível do serviço prestado à comunidade é insuficiente. O líder do PSD não quis assustar ninguém e, por isso, limitou-se a dizer que respeitava os direitos adquiridos. O do PS defendeu o número total de funcionários públicos, mas reconheceu que estes estavam mal distribuídos. E foi tudo.

Daí que retome uma sugestão já feita nestas páginas: cria-se um quadro de excedentes; enviem-se para ele todos os funcionários que não tenham trabalho distribuído, ou que pertençam a organismos a dissolver, ou que estejam desajustados das funções que exercem; permita-se-lhes que vão para casa, mantendo os seus salários; criem-se regras para a sua recolocação onde forem necessários; negociem-se limites para o número de vezes, ou para as condições, em que poderão recusar novas tarefas; estimule-se entre esses funcionários pagos, mas desocupados, o exercício do voluntariado em organizações de solidariedade social (há tanto para fazer, há tanto trabalho humanamente recompensador à espera apenas de que alguém descubra essa vocação...); desafectem-se os edifícios que ficarão livres, mandem-se desligar os telefones, vender os carros, os andares, o mobiliário; criem-se estímulos para que esses funcionários da administração se desvinculem do Estado e tentem

uma vida diferente; e não se admita ninguém para o Estado sem verificar se para a função em causa não há alguém apto no quadro de excedentes.

Parece uma sugestão muito radical, mas já tivemos algo de parecido, e não há muitos anos: o quadro geral de adidos que acolheu os funcionários públicos vindos das ex-colônias. Foi um sistema que funcionou e um dos mecanismos que ajudaram ao milagre da reintegração de quase um milhão de retornados. Porque é que algo de semelhante não há-de funcionar de novo? Afinal vivemos também hoje uma situação de emergência, só que nas contas públicas.

Tudo com uma vantagem potencial: realizada com base na concertação e no bom senso, com sentido de humanidade, poderia abrir a muitos funcionários as portas de uma nova vida, mais útil à comunidade. Ou a estarem mais junto dos seus filhos. Ou a fazerem companhia aos seus velhos.

2. Quem não tem dinheiro não tem vícios. Desistamos pois, e já, do Euro 2004. A procissão ainda vai no adro, e as confusões e as derrapagens já são mais do que muitas, já é difícil contabilizar o que se desperdiçou. Daqui para diante vai ser só a piorar – e nós a pagar. Até porque o dinheiro das câmaras, tal como dinheiro do Governo, vem todo do mesmo sítio: dos impostos que pagamos. E, por favor, não falem mais de “designio nacional” é que envergonha ver a ambição do país reduzida à construção de dez estádios e respectivas “acessibilidades”.

JOSÉ MANUEL FERNANDES

¹¹ Transcrevemos os textos, para que pudessem ser lidos, embora tenhamos reconhecido e identificado, na análise, as componentes material e paratextual (em sentido estrito e lato).

Um apelo a Guterres – DN- 02/03/2002

O presidente da Câmara do Porto confirmou ontem que o município “não tem dinheiro” para assumir os compromissos que cabiam à autarquia no projecto de construção de um novo Estádio das Antas. Desde que o Governo entre com mais alguns milhões, Rui Rio promete acelerar o processo burocrático, com meia dúzia de correcções em matéria de área comercial, procurando, assim, responder às preocupações dos comerciantes da cidade.

O ministro do Desporto já disse, hé meia dúzia de dias, que o Governo “não tem uma caixa multibanco”, uma realidade que os portugueses descobriram há meia dúzia de meses, depois de meia dúzia de anos em que nos convenceram de que estávamos a caminho da prosperidade terrena.

Os responsáveis máximos do futebol europeu, alarmados com as muitas dúzias de polémicas que estalaram, em Portugal, a propósito da organização do Euro 2004, lançaram um primeiro sinal de alerta: o ambicionado campeonato por ir parar a outro lado, provavelmente, aos nossos vizinhos. Já houve, por sinal, em Espanha, vozes a recordar a disponibilidade para

“dar uma mãozinha” a quem teve a veleidade de pensar que tinha estofo para pôr de pé um empreendimento de tal calibre.

De Vigo a Valência, não falta, por certo, quem rebole de gozo, a recordar a euforia que invadiu as ruas de Portugal, quando derrotámos os espanhóis, no dia da decisão sobre o país organizador do Euro 2004.

Senhor engenheiro Guterres: calculo que lhe falte já a paciência para “ser prior numa freguesia como esta”, mas as circunstâncias recomendam que se empenhe numa última missão patriótica. Convoque o dr. Durão Barroso, o dr. Carvalhas, o dr. Portas e, se achar necessário, também, o dr. Louçã. E ainda, se for o caso, o dr. Madaíl e os presidentes dos clubes. Porventura, os próprios autarcas.

Façam o que se impõe: ponham ordem nas hostes, precisem o custo de uma desistência, em dinheiro e na imagem externa do País.

E poupem-nos este triste folhetim, flagelador de uma auto-estima que tem andado pelas ruas da amargura.

Mário Bittencourt Resendes.